

**DE “CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE” ÀS  
“CAMPANHAS DO DESERTO”. RELAÇÕES POLÍTICAS  
E GUERRAS ENTRE INDÍGENAS E *CRIOLLOS*  
NO SUL DA ARGENTINA (1852-1885)**

*Gabriel Passetti<sup>1</sup>*

Indígenas e *criollos* estabeleceram relações políticas, no sul da Argentina, no período de construção do Estado nacional, marcadas por tensão, negociação, guerra constante e pela obsessão civilizatória. Naquela região, os nativos compreenderam de maneira bastante clara e precisa os interesses e projetos político-econômicos das elites *criollas* e foram ativos e decisivos, procurando bloquear a expansão fronteiriça e se desdobrando em múltiplas interlocuções estabelecidas com os grupos em luta pelo Estado.

Vivendo no exílio, Domingo Faustino Sarmiento publicou, em 1845, seu livro *Facundo, ou civilização e barbárie*, propondo uma Argentina oposta ao modelo federalista defendido por Juan Manuel de Rosas, então governador de Buenos Aires. Para Sarmiento, fazia-se necessário combater a barbárie identificada em três núcleos: federalistas e caudilhos de um lado, *gauchos* de outro e, por fim, os indígenas.

A historiografia argentina já discutiu os significados da oposição *civilização e barbárie* e procurou identificar o modelo político proposto e seu projeto para a Argentina. Entretanto, poucos estudos trabalharam a atuação política dos caciques naquele período e suas relações com políticos, militares e religiosos.

Em 1852, uma grande aliança tomou corpo e se opôs militarmente aos federalistas comandados por Juan Manuel de Rosas. Após a batalha de Caseros, a cena política argentina se inverteu com a ascensão do general Justo José de Urquiza ao poder. A aliança logo se rompeu em virtude da discrepância de projetos e interesses em seu seio, proporcionando uma nova disputa e a cisão argentina em dois grandes

---

<sup>1</sup> Mestre em História Social pela USP com a dissertação “Indígenas e *criollos*: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)”, financiada pela Fapesp e defendida em 2005, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Ligia Coelho Prado. Doutorando pela USP, com bolsa Capes.

blocos. De um lado estava o Estado de Buenos Aires, governado por Bartolomé Mitre e, de outro, a Confederação Argentina, comandada por Urquiza e composta das demais províncias.

É interessante observar os projetos de ambos e como foram interpretados e respondidos pelos indígenas. Naquela época, mantinha-se uma situação que perdurava praticamente inalterada desde o período colonial, quando os Vice-Reis estabeleceram a zona *criolla* acompanhando um arco imaginário desde o sul de Buenos Aires até a cidade de Mendoza. Durante os anos de Rosas, houve um avanço considerável ao sul de Buenos Aires, quando se ocupou importantes regiões nas chamadas “Campanhas do Deserto”, de 1833.

Ao sul desta linha, viviam aproximadamente trinta mil indígenas, miscigenados há séculos com os Mapuche originários do Chile, de quem herdaram a estrutura social marcada pelo cacicado, sistema pelo qual um grande cacique liderava uma confederação de caciques intermediários, responsáveis por milhares de indígenas. A maior interação que havia entre os pólos definidos por Sarmiento como *civilização* e *barbárie* ocorria no campo econômico, pois os nativos assumiram o comércio e o fornecimento de gado de origem portenha para as províncias do interior e para o Chile. Os animais não eram obtidos através do comércio, mas sim com grandes invasões – denominadas *malones*. Havia, portanto, uma relação de guerra e interdependência entre indígenas e *criollos*.

As tensas relações entre estes pólos foram historicamente entendidas a partir da oposição entre duas zonas distintas e identificadas com estas sociedades. Porém, havia uma maleabilidade fronteiriça, responsável por interações e trocas culturais, econômicas e demográficas, apesar de ser possível identificar avanços e retrocessos na linha de fortes, fundamental para a compreensão sobre a jurisdição, o controle e a exploração das terras.

Desde a década de 1830, os indígenas da zona livre ao sul da linha de fortes estavam centralizados sob duas confederações – concorrentes, mas não inimigas – capitaneadas por dinastias de caciques amparadas por um aparato bélico e administrativo que incluía estrutura e hierarquia militar e representações diplomáticas. A confederação de Salinas Grandes era a mais forte, podendo reunir mais de três mil guerreiros indígena, liderados por Juan Calfucurá. Por outro lado, a confederação de Leuvucó era caracterizada pela miscigenação crescente entre os Ranquel e *criollos*

exilados, sendo marcada pela constante beligerância e pelo temor que levava aos *estancieros*. Seus líderes foram Calbán e Paghitrúz Guor.

Logo que souberam – através dos jornais portenhos que eram lidos pelos caciques – do cisma entre a Confederação Argentina e o Estado de Buenos Aires, os caciques procuraram aproveitar as novas disputas *criollas* para bloquear e fazer retroceder os recentes avanços territoriais. Foram recebidos emissários diplomáticos de ambos os governos e suas propostas políticas puderam ser analisadas e comparadas. Enquanto os portenhos propunham sedentarização, catequese e civilização, os confederados acenavam com a legitimação da posse das terras indígenas, a liberalização do comércio e o respeito às estruturas sociais desde que acompanhada de um processo dito civilizatório. Os caciques imaginavam uma relação política com o Estado Argentino supondo a manutenção de suas autonomias territoriais e culturais, além da assimilação de técnicas de trabalho.

Em 1854, os principais caciques do sul da Argentina se reuniram na cidade de Río Cuarto com o Governador de Córdoba, emissário de Urquiza, e assinaram um tratado de cooperação que previa a não-agressão, a defesa mútua e estimulava os *malones* sobre as *estancias* portenhas, pois oferecia os mercados de gado para os caciques. A união entre caciques e caudilhos não decorreu somente de um pacto de oposição aos portenhos, inimigos comuns, pois as elites rurais das províncias do interior eram distintas das portenhas e sua tradição comercial-portuária. Tradicionalmente vinculados ao modo de vida *gaucho*, os políticos do interior enxergaram os indígenas como parceiros comerciais com problemas e dilemas próximos. Os caciques acompanharam os meandros da política *criolla*, conheceram seus projetos e se aliaram a aqueles que lhes ofereciam condições mais interessantes para a sobrevivência, contando com reconhecimento político e econômico.

Esta aliança foi responsável por desestabilizar socialmente e praticamente destruir a pecuária portenha de 1854 a 1859, quando ocorreu a batalha de Cepeda, enfrentamento militar entre a Confederação e Buenos Aires que resultou na vitória dos primeiros. É interessante notar o papel fundamental desempenhado pelos caciques na vitória confederada, pois, além de contribuir com pessoal e armas durante o embate direto, também foram responsáveis pela elaboração e execução de um plano de desestabilização da fronteira e enfraquecimento dos exércitos portenhos baseado em um complexo sistema de informações

falsas e contra-espionagem, responsável pela ida dos soldados inimigos à zona mais seca dos pampas, de maneira inútil e desgastante, poucas semanas antes do dito embate de Cepeda.

Todavia, a supremacia de Urquiza e seus aliados indígenas foi momentânea, pois logo houve novo embate – a batalha de Pavón – na qual os portenhos definitivamente assumiram o controle da Argentina e a unificaram sob seu comando, podendo finalmente aplicar o projeto sarmientista e vingar décadas – senão séculos – de *malones* às suas unidades produtivas.

Porém, com a eclosão da Guerra do Paraguai, ocorreu um enfraquecimento das fronteiras. Os caciques declararam guerra ao avanço territorial *criollo* e se sentiram fortes e capazes para iniciar uma leva de *malones*, freada após a conquista de lucrativos tratados de paz pelos caciques – paradoxalmente, já na gestão de Sarmiento na presidência. Houve uma importante transformação na fronteira, pois os militares mais antigos foram transferidos para o *front* internacional, abrindo campos de trabalho para uma nova geração, com novas estratégias para o combate aos indígenas.

Esta geração de militares ficou responsável pelos principais postos de comando da fronteira sul a partir daquele momento e logo passou a executar análises científicas dos *malones*, expedições aos territórios indígenas e a interpretar tais dados em busca de soluções práticas e definitivas para o que entendiam como “o problema indígena”. Logo notaram que a ausência de uma fronteira natural nos pampas que impedisse a defesa da pecuária e proporcionasse campos férteis para os *malones*. Foi então localizada e definida a dita fronteira: o rio Negro, centenas de quilômetros ao sul.

As duas confederações indígenas unificaram seu comando militar e procuraram atacar de forma coordenada para despovoar postos avançados e pontos nevrálgicos da ocupação *criolla* mas, após algumas vitórias, foram contundentemente derrotados em 1872, marco do início do declínio vertiginoso e de sua força política e militar, na chamada “batalha de San Carlos”. Os caciques, derrotados e temerosos do poderio militar dos inimigos, procuraram o governo para tratados de paz, mas encontraram apenas a resposta já conhecida: sedentarização, cristianização e civilização.

Em 1877, um representante daquela geração de militares atingiu o mais alto posto militar argentino, o Ministério de Guerra y Marina. Julio

Argentino Roca executou o plano de transposição da fronteira para o rio Negro e de eliminação dos indígenas do sul da Argentina ao comandar pessoalmente as chamadas “Campanhas do Deserto” (1878-1884), derradeiro estágio no projeto de Sarmiento, passando de *civilização e barbárie* a *apenas civilização*.

As ações genocidas do Exército argentino – quando metade dos indígenas foram mortos nos campos de batalha – basearam-se em um projeto que supunha a submissão forçada dos nativos. Para aqueles guerreiros, entretanto, a rendição e a sedentarização eram inconcebíveis, e a resistência pela vida autônoma passou a ser a única via possível, por meio de defesas contínuas até o esgotamento.

A vitória e o aniquilamento dos indígenas liberaram vastos e férteis terrenos para os pecuaristas portenhos, possibilitaram a vinda de dezenas de milhares de imigrantes europeus. Também proporcionaram um grande crescimento econômico nas décadas de 1890 e 1900, gerando um imaginário social argentino como o de um país *branco*, exceção moderna e civilizada em uma América Latina vista como atrasada e bárbara.



